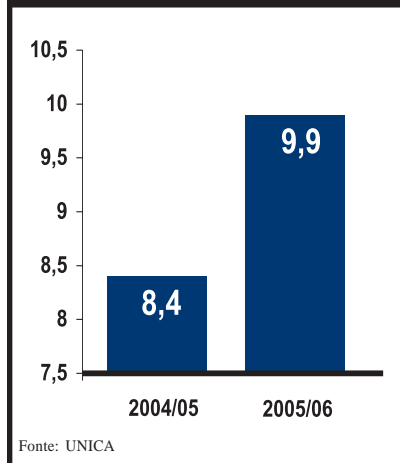
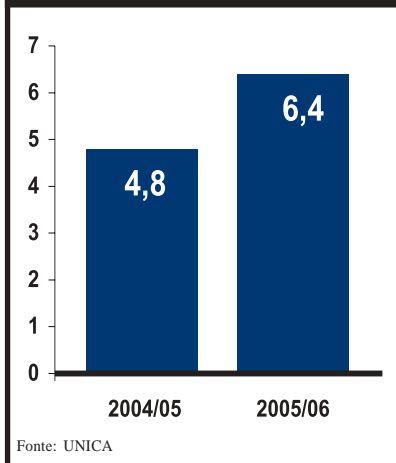


**Região centro-sul:
produção de açúcar
(milhões de toneladas)**



**Região centro-sul:
produção de álcool
(bilhões de litros)**



essa constatação. Sem as chuvas ocorridas em 2004, o ritmo dos trabalhos de retirada da cana do campo prossegue sem problemas.

Tanto o esmagamento da cana como a produção de cana e álcool estão com números acima dos do ano passado. Até

o momento, tudo leva a crer que a safra de cana terminará mais cedo na região Centro-Sul, provavelmente, no mês de novembro. A qualidade da matéria-prima supera a da safra passada, mas é inferior à de 2002/03 e 2003/04.

Sob o novo regime, apenas as unidades mais eficientes continuarão a produzir açúcar, enquanto as outras poderão optar por sair da atividade e vender sua quota de produção de volta para a União Européia, por um período de dois anos a contar de 1º de julho de 2006.

Até agora, França, Itália, Espanha, Polônia, Grécia, Portugal, Finlândia e Irlanda já se posicionaram francamente contrários à reforma, enquanto Letônia, Lituânia, Bélgica e Áustria fazem oposição moderada. Apenas Dinamarca, Suécia e Estônia estão satisfeitos com o plano.

As projeções apontam que apenas 8 dos 25 países da UE conseguiriam manter seu setor açucareiro intacto se tal reforma fosse aprovada. Os demais teriam sérias dificuldades para sobreviver, entre eles: Itália, Grécia e Portugal. O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas da Itália divulgou nota alertando que a reforma resultaria na perda de 75 mil postos de trabalho.

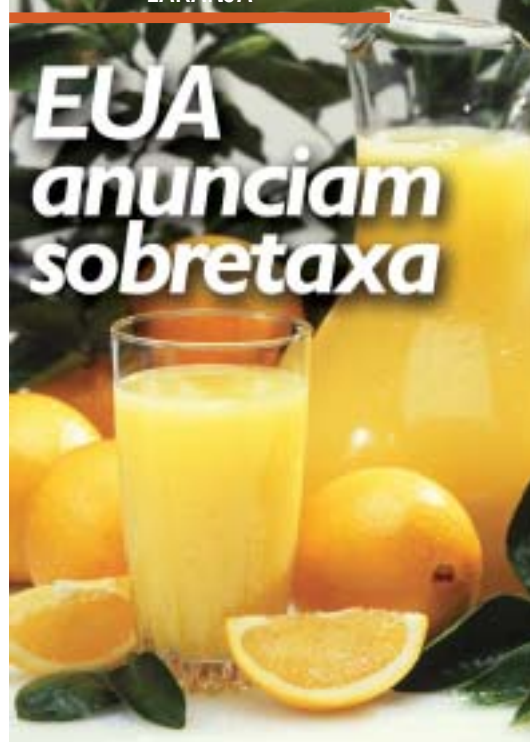
Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, é de interesse dos próprios mem-

bro da UE reformar o setor para ser mais eficiente. A entidade alerta que outras disputas comerciais podem ser levadas à OMC se os países ricos não tomarem a iniciativa de reformar espontaneamente o setor agrícola.

Mas para os economistas, quem mais sofrerá com a proposta será o grupo de países mais pobres, que hoje conta com preferências para vender açúcar à UE. Esse grupo, constituído por países do Caribe e da África, não contará com os mesmos preços para vender seu açúcar.

A UE sugere a criação de um fundo com US\$48 milhões como compensação. Mas entidades como a Oxfam e mesmo os governos desses países apontam que o valor não será suficiente. A Oxfam, por exemplo, estipula que as nações afetadas precisarão de mais de US\$600 milhões para sobreviver às mudanças. A proposta será debatida pelos 25 países da EU, e a esperança de Bruxelas é de que seja aprovada até novembro, antes da reunião ministerial da OMC em Hong Kong.

LARANJA



Os Estados Unidos anunciaram no dia 17 de agosto último a imposição de sobretaxas de até 60% para a importação de suco de laranja do Brasil. A decisão atende à reclamação de produtores da Flórida. Segundo eles, os exportadores brasileiros, como a Cutrale e a Fischer, estariam vendendo suco de laranja abaixo do valor de mercado. Ou seja, praticando *dumping*.

O Departamento de Comércio dos EUA determinou, em decisão preliminar, uma tarifa de 60% sobre o preço do suco vendido pela Montecitrus, de 31% sobre as vendas da Fischer, de 25% para a Cutrale e de 27% para todas as outras exportadoras brasileiras. Segundo o Departamento de Comércio, as exportações brasileiras cresceram 12% no período de 12 meses encerrados em abril.

A solicitação para que fossem impostas sobretaxas ao suco brasileiro foi apresentada em 27 de dezembro de 2004 pela Florida Citrus Mutual. A associação reúne cerca de 11 mil produtores de laranja dos EUA, além de empresas processadoras de suco.